

Culturas. Artes. Educação_ rumo à democracia cultural!

Sara Barriga Brighenti

Plano Nacional das Artes, Portugal

16 julho 2024

Texto de apoio à conferência apresentada no âmbito do

Encontro dos Agrupamentos de Escolas do CENFORMAZ

Durante algum tempo tive o privilégio de trabalhar na Casa das Histórias Paula Rego, num museu que é **uma casa da imaginação; um lugar de fantasia e de liberdade.**

nesta casa vemos pinturas e desenhos onde estão representadas as **histórias** que nos foram **narradas por mães e avós, nos livros, filmes ou na escola.** Ao evocar nas suas obras **contos populares, crenças ou lendas,** a artista Paula Rego invoca o *imaginário coletivo*, que é **património imaterial**, um **bem publico.** Nesse imaginário somos comunidade, somos lugar e somos pertença.

- As obras de arte são **veículos que provocam emoções** e mudam a forma como vemos e significamos o mundo. **Por isso dizemos que a arte tem o poder de nos transformar. QUE A arte nos torna Outros.**

A obra de Paula Rego, sendo simultaneamente pessoal e política, tem também a capacidade de intervir socialmente, de uma forma a que chamamos **Artivismo** – recordo a sua série sobre o Aborto. Apresentada publicamente, esta serie de desenhos e pinturas alertou para o sofrimento e o risco que as mulheres correm face ao aborto clandestino. Ao expor nas telas duros retratos de mulheres, influenciou o resultado do referendo ao Aborto em Portugal, em 1998.

Nesta sessão quero partilhar convosco reflexões sobre o poder das artes e das culturas na promoção da cidadania, defendendo três noções interdependentes sobre a **participação cultural:**

- 1º noção - **todos, sem exceção, vivemos habitados de cultura**, somos e criamos cultura;
- 2º noção – as culturas e as artes, são um fim em si, mas são também veículos **de educação e de mediação** que ajudam a desenvolver competências tão importantes como o pensamento livre e o sentido critico
- **3º noção – a participação ativa na cultura fortalece a democracia**

Estas 3 premissas são os pilares do Manifesto do **Plano Nacional das Artes**, o meu lugar de fala, gosto de dizer que este lugar fica no espaço do “meio”, onde a cultura e a educação se encontram.

Sobre o Plano Nacional para as Artes importa referir que é uma medida de política pública, intersectorial, que promove ecossistemas culturais, artísticos e educacionais a nível local e nacional.

- A sua missão é ativar o poder educativo das artes e das culturas na vida dos cidadãos, procurando ser relevante e conectado com as comunidades, construindo parcerias sustentáveis entre várias organizações e estimulando a agência dos profissionais que trabalham **para, por e com estes setores**.

A sua visão para 10 anos é estabelecer um compromisso cultural em cada quilómetro quadrado, garantindo as pessoas reconhecem que as artes e as culturas fazem parte da vida e contribuem para o desenvolvimento sustentável e a cidadania cultural ativa.

Nestes cinco anos, o Plano Nacional para as Artes evoluiu como um organismo vivo - criando projetos e contando histórias que têm os nomes das pessoas que os implementaram. Cada projeto segue o seu caminho, com um tempo próprio para se desenvolver e crescer. **Para isso, a equipa do Plano trabalha cuidadosa e atentamente com cada parceiro, em cada lugar, estabelecendo relações interpessoais de proximidade.**

- Hoje colaboramos com 60% das escolas em PT. 6 EPE. 26 escolas nas R Autónomas, envolvendo 70% dos municípios portugueses.

Proseguimos com o objetivo de remover os muros que dividem o conhecimento em áreas disciplinares, e de promover **a democracia cultural como *um Estilo*** que reforça a participação, **o fazer com e pelas pessoas**.

A estratégia Plano Nacional das Artes está ancorada em 3 eixos: políticas culturais, capacitação educação e acesso. Foi neste quadro que se propôs elaborar um documento internacional sobre **direitos culturais: a Carta do Porto Santo**.

Regressemos à 1ª ideia que expus:

- todos, sem exceção, vivemos habitados de cultura, criamos cultura, desenvolvemos formas de cultura;
- as manifestações culturais são a mediação necessária para o reconhecimento pessoal de cada um, e da comunidade que somos. *Repito*: as manifestações culturais são a mediação necessária para o reconhecimento pessoal de cada um, e da comunidade que somos.

Dizemos frequentemente que as **artes dão sentido à vida!** Que nos emocionam, elevam... de facto não há vida humana sem culturas.

Através das línguas que falamos, e das linguagens da música, das imagens, do movimento, das histórias, exprimimo-nos, e alargamos o nosso mundo, o nosso vocabulário/ o nosso “emocionário”.

Enquanto seres criativos usamos a imaginação e as expressões para descobrir o novo e para comunicar e atribuir significados ao que sentimos e experimentamos. Isto num ciclo contínuo de rituais – de criação de narrativas simbólicas, ficções, literais ou poéticas – as artes foram e são **formas de ligação**, individual e coletiva, essenciais ao bem-estar humano e à vida em comunidade.

A 2ª noção destaca que:

- as culturas e as artes, **são um fim em si**, mas são também **ferramentas de mediação, de ligação ao coletivo e de pertença**; por isso são também essenciais à educação, formal, informal e não formal.

- as artes, e os patrimónios colocam-nos perante o tempo presente e o dos nossos antepassados, para que possamos resinificar o conhecimento, valorizando o que hoje sabemos à luz do que herdamos. Celebrando esse continuum conhecimento como um fogo vivo, que ajuda a compreender: quem somos, quem são os que nos rodeiam e como nos relacionamos com o meio.

Diria mesmo que as artes e os patrimónios são dispositivos de mediação, uma segunda pele que faz a ligação entre o corpo e o mundo. Sobre essa pele nascerão outras camadas, conhecê-las é uma tarefa infinita.

A 3ª premissa

- 3ª noção – a participação ativa na cultura fortalece a democracia

Para explorar esta ideia vou citar a Carta do Porto Santo e desenvolver o conceito de democracia cultural.

A Carta do Porto Santo¹ é um documento europeu, de 2021. É um instrumento político e programático para uma mudança na forma como fazemos cultura, passando de um paradigma centrado no acesso para o modelo que requer comprometimento e participação.

A Carta contém 38 recomendações, dirigindo-se a decisores políticos europeus, às organizações e instituições culturais e educativas, e aos cidadãos, para que todos se responsabilizem pelo horizonte cultural comum.

Como pôr em prática a democracia cultural?

-Numa democracia Cultural participar é ser protagonista.

Para pôr em prática este modelo é necessário estar consciente do valor da **participação cultural**, a vários níveis, desde o formato de participação mais passivo – o de consumo – ao nível mais exigente, mais comprometido – que é o da codecisão.

Tal como na Democracia social, a democracia cultural radica na **partilha do poder**, na igualdade, na diversidade e na dissensão. Na escuta, na cooperação e no diálogo... e na coresponsabilidade.

Notem que as palavras que usei para definir a democracia são verbos, implicam ação, por isso o sujeito dessa ação deve sentir-se esclarecido e emancipado e deve sobretudo ser capaz de confiar na inteligência da comunidade para poder agir, ou seja: para partilhar o poder.

Para que todos participem desta forma é fundamental eliminar **desequilíbrios nas relações**, fomentar a representatividade e reciprocidade.

Nos últimos anos tem-se falado muito de democratização cultural - modelo político que promove o acesso aos bens culturais e patrimoniais ao maior número de pessoas. Porém, trata-se de um modelo que se implementa de forma descendente – ou seja, que dá a consumir bens selecionados de acordo com critérios de representação da identidade nacional ou a excelência e erudição.

¹ Sobre a Conferência do Porto Santo: www.portosantocharter.eu

Acessível em: <https://portosantocharter.eu/wpcontent/uploads/2021/05/CartaDoPortoSanto.pdf>

Falo-vos de democratização cultural reconhecendo que há um perigo latente nesta forma de fazer cultura:

- que quando não escuta, não inclui.

- que classifica, hierarquiza a cultura em estratos - como erudita, de massas, ou popular.

De outro MODO; quando falamos de **democracia cultural** referimos um modelo onde a escolha e a implementação são feitas com aqueles que protagonizam os bens culturais: que os criam, os produzem e os usufruem.

Este modelo cultural *advoga por um novo modo de relações entre as instituições e as comunidades: a mudança da relação de consumo para a do comprometimento.*

Em democracia cultural não falamos de cultura, mas sim de culturas - no plural

– **não há cultura que não seja diversidade.**

- **Por isso quando falamos de culturas não fazamos como Narciso que se apaixona por si próprio. Que a paixão seja o OUTRO! Ou antes, que perante a diferença sejamos capazes de nos descobirmos OUTROS.** Ao construirmos o nosso universo de referentes a partir da diversidade cultural, entendemos o quanto a uniformidade ameaça a humanidade. Sabemos como é fácil usar o medo do desconhecido para enfraquecer a democracia, para alimentar a intolerância e impor a nossa cultura em troca de “segurança” e em nome da salvaguarda de um suposto **bem comum**.

A democracia cultural é um processo, um gerúndio, um “*em acontecimento*”, que exige abertura, vigilância e sentido crítico! Se usarmos o termo cultura como verbo é diferente de o usarmos como um adjetivo.

Permitam-me um alerta: a cultura como adjetivo da identidade serve a propaganda.

Os tópicos que nos trazem a este encontro são a inclusão e o por vir, o futuro, ou como nos relacionamos, como tecemos as diversidades culturais?

Diria que em primeiro lugar é necessário reconhecer que barreiras simbólicas continuam a ser a razão fundamental para a **autoexclusão ou a exclusão cultural**:

não se sentir representado; sentir que não se pertence; sentir-se minorizado ou vulnerável, reflete-se na inibição de si, esse sentimento é uma barreira ao acesso à cultura.

A este respeito, a Carta do Porto Santo lembra-nos que ***"devemos negar todos os usos da cultura como sinal de distinção social, que funcionam como violência simbólica de um grupo social com poder sobre outros, aqueles que se sentem deslocados, excluídos e não representados"***.

Outro dos temas que a Carta trata é a relevância da **Educação Cultural e Artística para a formação da cidadania cultural e do reconhecimento dos direitos culturais**. Este foi também o enfoque do mais recente Quadro UNESCO, adotado pelos estados-membro em fevereiro de 2024, por uma educação para a diversidade e a justiça social, para o desenvolvimento de competências como o pensamento crítico,

criativo e a sensibilidade estética e artística. Assumido numa pedagogia que assenta no primado dos **direitos culturais (consagrados na declaração universal dos direitos humanos)**:

- Que reconhece diversas práticas culturais de diferentes grupos sociais,
- Que promove o acesso à fruição, à criação e à participação na cultura,
- Que salvaguarda os patrimónios,
- Que promove as condições para o exercício dos direitos e deveres culturais.

Defender a **educação e a cidadania cultural** significa dizer que **todas as pessoas são agentes culturais, mediadores e criadores de cultura.**

Nesse sentido, a educação para a cidadania cultural também defende que ninguém pode negar ou excluir expressões culturais minoritárias, tais como a língua, as tradições, os rituais individuais e coletivos, porque se o fizer está a exercer uma prática de domínio que subalterniza e discrimina.

A sustentabilidade global assenta na diversidade cultural, esse é o caminho para imaginar os futuros.

As suas implicações para o setor da educação são evidentes e requerem transformações profundas que podem edificar sociedades mais justas e comprometidas com o bem-estar das pessoas e do ambiente.

Este Quadro implica-nos todos, como agentes culturais e educativos, nos contextos formais, não formais e informais, e às instituições que têm a seu cargo a educação e a cultura, para que cooperem entre si e com os setores social e económico.

A Transformação que este Quadro propõe pede:

- que se estabeleçam parcerias intersectoriais e se invista na cooperação institucional nos setores da cultura e da educação

- que se diversifiquem as práticas e os espaços da educação – das praças publicas aos museus, dos jardins às bibliotecas, dos monumentos à sala de aula, das plataformas digitais aos espaços que combinam o físico e o virtual.

- que se invista na formação dos agentes educativos, para que sejam mais criativos, sensíveis, críticos e comprometidos.

- que se empoderem os jovens e as crianças de forma que participem no ato de ensinar e de aprender, junto com os seus professores e tutores, abrindo-se a novas linguagens, ao lúdico e às pedagogias ativas, e onde o cultural e o criativo são os pilares do novos currículos e da aprendizagem em contexto e ao longo da vida.

Para finalizar sem perder o rumo ao tema da intervenção, gostaria de partilhar 5 propostas para um Manifesto _ rumo à democracia cultural!

– 1ª Proposta

CHAMAR OS JOVENS!

“A educação é o berço da democracia”

Foi John Dewey, filósofo americano (1859-1952) que o disse:

e disse também que *"A democracia deve nascer de novo em cada geração, e a educação é a sua parteira"*. O seu legado ensina que não devemos subestimar o papel dos jovens no presente. **Cada geração tem de implementar as suas formas de governo.**

Não podemos esquecer o papel dos jovens no presente: não podemos olhar para eles como o futuro, como um recipiente para encher com conhecimentos que serão utilizados no futuro, mas antes como uma chama que já está acesa, **eles não são o futuro**, eles são o nosso presente, ansiosos por agir agora! - Devemos ouvi-los agora, e integrar as suas expressões sem desconfiança:

Confiamos nas suas propostas? Estamos dispostos a correr esse risco?

É urgente prepará-los para a complexidade, para a ética e a justiça social, sobretudo num mundo em crise, imprevisível... Temos de deixar de **trabalhar para eles** e passar a **trabalhar com os eles**.

Eles estão prontos e são os especialistas no futuro!

Para isso, os jovens devem estar ativamente representados nos conselhos culturais, educativos e científicos das instituições, como agentes ativos e responsáveis, sem condescendência.

A este respeito, o Plano Nacional das Artes está a organizar uma larga consulta aos jovens europeus, o que nos permitirá escrever uma adenda à Carta do Porto Santo com base nas suas perspetivas sobre os direitos culturais e à educação. Juntos organizámos a YOUTH-ACTION-CULTURE – Rumo à democracia Cultural - uma Conferência Europeia, e o Aprender com os Jovens, um evento paralelo à Conferência da UNESCO, que referi.

Nesta conferencia uma das oradoras, Muriel Lima, proferiu uma das intervenções mais contundentes - **por isso vou citá-la, ampliando a sua chamada de atenção:**

*"Ser jovem é sofrer discriminação, é ter, e aprender a ter, muitos preconceitos. É ser julgado inapto, sob os parâmetros dum projeto de adulto, é ser avaliado como esse esboço de gente. De facto, os poucos anos de vida delimitam muitas das competências cognitivas, emocionais e sensoriais, mas a adolescência é este período de experimentação, de confronto, e é cruel e hipócrita como muitas vezes as instituições da família e escola (eu acrescento aqui também das instituições) tiram o mérito e o crédito deste conhecimento, esquecendo que os próprios adultos, também não param de conhecer e desconhecer cada vez mais com o passar do tempo, esta é uma sina da natureza profundamente humana. Este projeto em que participei: **Sete Anos Sete Peças**, enraizou-se no contexto escolar seguindo um curso completamente diferente que deu protagonismo aos alunos, aqueles que estão sentados e parados, a escutar durante horas, necessariamente atentos e passivos, puderam então escutar o eco da sua própria voz, puderam exercitar a sua imagem e identidade."*

– **2ª Proposta_ CORRER RISCOS**

Num poema, Samuel Beckett escreve:

"Tenta outra vez. Fracassa outra vez. Fracassa melhor".

O erro ensina a resistir porque para errar é preciso saber uma infinidade de coisas! De resto, é por causa do erro que duvidamos do que antes tomámos por certo, é por causa do erro que criamos o novo.

Que a cultura do erro seja um sinal de resistência e de impulso à criatividade.

- As escolas devem ser laboratórios de errar, para que a vida possa ser vivida com menos ansiedade e muito mais autonomia e liberdade.

Para isso é urgente Assumir Riscos, como apelava a reformista pela educação e pela arte, Madalena de Azeredo Perdigão, que aproveitou o seu regresso à Fundação a propósito do estabelecimento do Centro de Arte Moderna para anunciar a 17 de Maio de 1984, um programa interdisciplinar, aberto à inovação e à experimentação. No seu manifesto, escreveu: ***“Vamos correr riscos, vamos cometer erros. Vamos permitir que outros corram riscos e cometam erros. Vamos ser um fórum aberto para a discussão dos problemas da cultura”***

É importante que as instituições, educativas e culturais, não decidam tudo, que deixem espaços abertos e sejam pioneiras na inovação.

- que sejam espaços seguros para ideias inovadoras. Lugares onde todos aprendem e todos partilham conhecimentos.

É neste confiar, que se cria o espaço consentido do risco.

Errar é preciso, sobretudo perante tanta incerteza: ninguém sabe o que amanhã será!

– 3ª Proposta - Descolonizar a educação

As ideologias de dominação predominam e reforçam a hegemonia branca - ocidental, refutam imaginários divergentes, perpetuam preconceitos estruturais na sociedade. Preconceitos de raça, classe social, género, ou de sexualidade, são interdependentes e promovem o racismo, o machismo, o patriarcado, a exploração dos mais desprotegidos, reproduzindo o sistema acrítico onde liberdade e a igualdade são aparências.

Identificamos há décadas o problema, mas ainda assim, depois das mudanças a que assistimos nos últimos 50 anos, ao acesso à informação e ao conhecimento incomparáveis, a transformação das formas sobre o que, e como ensinamos não se alteraram... E as perspetivas coloniais ainda dominam as narrativas da educação formal.

Hoje são muitas as vozes que iluminam caminhos alternativos e apontam para o poder dos professores, com a esperança de que através da educação os docentes contribuam para a mudança do pensar e do saber, criando comunidades de aprendizagem para o desenvolvimento do espírito crítico e para a emancipação face ao sistema hegemónico, extrativista e capitalista que predominam.

Educar para transgredir as fronteiras raciais, sexuais e de classe a fim de alcançar para todos o poder da liberdade: Eis o objetivo da educação.

– 4ª Proposta - Indestinar

Sobre a educação que emancipa Paulo Freire disse:

- “a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem”

E sobre o que significa ensinar para a liberdade, no livro “tudo sobre o amor” - bell hooks disse que:

“é através da construção de uma ética amorosa que seremos capazes de edificar uma sociedade verdadeiramente igualitária, fundamentada na justiça e no compromisso com o bem-estar coletivo.”

Mas para ensinar a liberdade não basta ensinar a ler e a escrever, é preciso ensinar a pensar. É tão triste quando ouvimos um professor dizer sobre os seus alunos:

“eles não sabem brincar”, “eles não são capazes de imaginar!”

O que acontece quando a imaginação falha?

O que significa ensinar sem desenvolver a imaginação? Não será esse justamente um propósito maior da educação?

Ensinar a imaginar é ensinar a desejar o desconhecido, a pensar no que não existe (ao contrário de ensinar a repetir o que já existe e se conhece)!

Para treinar a imaginação, enquanto educadores temos de ser capazes de nos suspender, significa: sermos capaz de não julgar, de não saber.

Estar realmente aberto ao outro, escutá-lo, observá-lo, senti-lo, sem preconceitos, numa atitude de disponibilidade para a diferença, abrindo fendas na realidade, e reconhecendo a estranheza como porta de embarque para o NOVO.

É preciso também entender o lugar do professor como um lugar de vulnerabilidade,

- como explica **Jacques Rancière** no seu livro “O Mestre Ignorante” - ensinar a imaginar é ensinar a liberdade de pensamento o caminho para o desenvolvimento do pensamento crítico que possibilita “imaginar” outras possibilidades de si, ou contrariar destinos traçados pelas condicionantes económicas e sociais do nascimento ou do seu presente. INDESTINAR!

É por isso que estamos aqui, para indestinar, transformar as práticas, os espaços, o porquê e o para quê do ensino. Hoje.

Que propostas para esta mudança?

Escolas e organizações culturais poderão ajudar a indestinar a vida de cidadãos:

Se mudarem as práticas, os espaços, os ambientes e os interlocutores da educação - É urgente repensar a sala de aula, os modos de aprender e de ensinar, apostando mais na experimentação e na colaboração e recrutando outros agentes para assim criar uma comunidade educativa mais diversificada, com artistas, mediadores culturais, terapeutas, cientistas...

O desafio para **Transformar os Futuros da Educação** que a UNESCO lançou é enorme e precisa de mudanças de dentro para fora da escola, e de fora para dentro da escola, precisa também da audácia **de correr riscos...** não basta dizer que se transforma só porque se usam outras tecnologias, como as digitais, **a educação são as pessoas, os espaços, os instrumentos, os projetos desse fazer e aprender juntos.**

Para que isto aconteça, verdadeiramente, temos de derrubar muros e criar lugares seguros, sem julgamento. É também preciso confiar e não ter medo de fazer **diferente, não ter medo de errar nem de se comprometer. Se não o fizermos na escola, esse laboratório da vida, onde o poderemos fazer?**

– 5ª Proposta – De Instituições para Extituições

Novas palavras são precisas para designar novas ideias e novas ações.

Como a palavra Extituição.

Extituições, são organizações que servem, cuidam, são úteis, em defesa dos direitos humanos, e da imaginação radical.

Temos de transformar as escolas as instituições culturais em extituições, vocacionadas para fora, para a alteridade.

Para fechar proponho a seguinte síntese sobre o que me parece urgente face aos desafios do presente no âmbito da educação formal:

- **Pedagogias transdisciplinares, baseadas nas artes, para desenvolver o pensamento crítico e criativo.**
- **Educação artística como um processo e não como um serviço**
- **Mais autonomia para as escolas**
- **Escolas como polos culturais**
- **Descolonizar, mudar mentalidades, romper preconceitos e práticas instaladas**
- **Mais colaboração entre profissionais das artes, da cultura e da educação**
- **Currículo local_ currículo relevante, com atenção aos territórios e às comunidades.**
- **Praticar a escuta e os cuidados. É preciso educar para o bem-estar coletivo e individual!**

É como vossa parceira, com um objetivo comum, que sinto a urgência de dizer que precisamos de colaborar de forma mais comprometida e sistémica se quisermos avançar para uma mudança - que a meu ver já não é uma escolha, é uma condição!

É urgente imaginar o futuro e o papel da educação nesse incerto amanhã.

Precisamos de todos os intervenientes para transformar as práticas e capacitar os agentes neste sistema orgânico: **professores, mediadores, artistas e outros profissionais. JUNTOS!**

Sara BARRIGA Brighenti